



A FELICIDADE COMO CUIDADO DE SI E DO OUTRO NA APOLOGIA DE SÓCRATES

HAPPINESS AS CARE FOR SELF AND OTHERS IN SOCRATES' APOLOGY

“Todavia, já é hora de partir, eu para morrer, vós para viver; quem de nós vai para uma realidade melhor, isso está oculto a todos, exceto ao deus”
(Sócrates, Apologia, 42a)

Everton de Jesus Silva¹

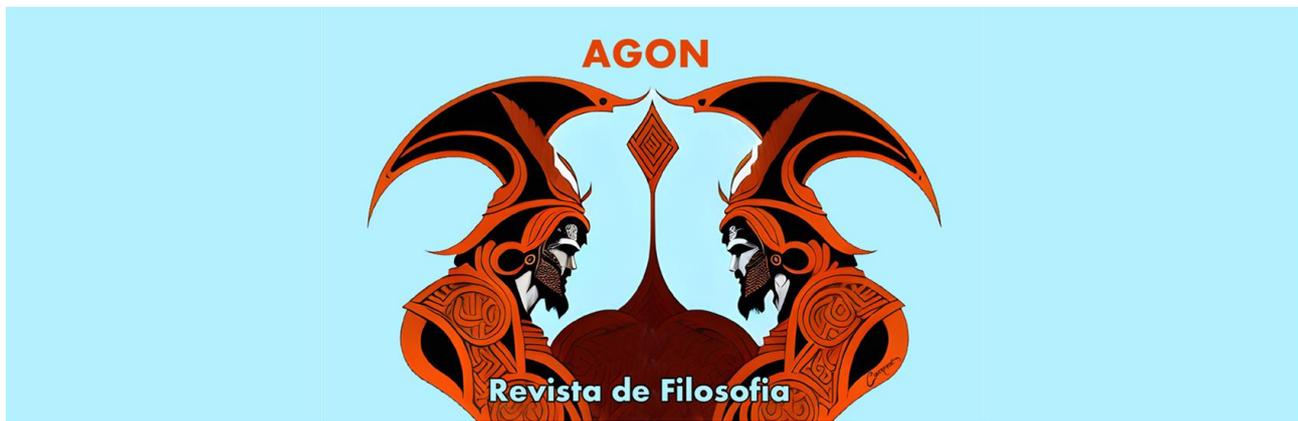
RESUMO: O presente texto tem por finalidade discutir o que é a virtude e a felicidade no horizonte da filosofia socrática, tendo como base a obra *Apologia*. Objetiva-se examinar a importância da virtude para a conquista da *eudaimonía*. O homem que almeja a vida boa e feliz deve buscar o que é bom (*agathós*) e belo (*kalós*), pois a meta da existência humana deve ser viver de acordo com o que existe de mais sublime. A vida feliz não se encontra nos bens externos, mas na alma. Logo, a importância de pensar a *eudaimonía* como cuidado de si e do outro. A boa caminhada em direção à vida feliz requer uma conduta rigorosa na busca do que é bom e aprazível; portanto, deriva a importância de uma vida examinada.

Palavras-chave: Sócrates; Felicidade; Virtude.

ABSTRACT: This text aims to discuss what is virtue and happiness in Socratic philosophy, based on his work *The Apology*. The aim is to examine the importance of virtue for the achievement of *eudaimonia*. The man who longs for a good and happy life must seek what is good (*agathós*) and beautiful (*kalós*), because the goal of human existence must be to live according to what is most sublime, a happy life is not found in external goods, but in the soul. Therefore the importance of thinking about *eudaimonia* as care for oneself and the other. The good journey towards a happy life requires a rigorous conduct in the search for what is good and pleasant; thus, the importance of an examined life.

Keywords: Socrates; Happiness; Virtue.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Doutorando em filosofia pelo PPGF da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: evertonjmj@gmail.com



INTRODUÇÃO

O propósito central deste texto é instigar uma reflexão sobre os conceitos de virtude e felicidade na perspectiva socrática, utilizando a *Apologia de Sócrates* como principal fonte de investigação. O desígnio é examinar o que a felicidade representa para Sócrates e qual a importância dos princípios éticos nesse processo de obtenção da vida boa. Dessa forma, a *Apologia* não apenas revela os fundamentos da filosofia socrática, mas também nos convida a explorar as implicações contemporâneas desses conceitos atemporais sobre a natureza da existência humana. A *eudaimonia* é considerada o maior bem atingível pelo homem. Uma vida genuinamente feliz é aquela que se realizou em sua totalidade, ou em outras palavras, que valeu a pena ser vivida. Sócrates nos convida à contemplação da natureza intrínseca da felicidade, ressaltando que esta não reside simplesmente em aquisições materiais e sim na nobreza da alma. Ademais, essa análise busca não apenas compreender os ensinamentos de Sócrates, mas também destacar como sua filosofia continua a ecoar na compreensão contemporânea da busca humana por uma verdadeira realização.

SÓCRATES E A FELICIDADE QUEM VEM DO FILOSOFAR

A *Apologia*² de Platão nos apresenta um Sócrates profundamente comprometido com a verdade, com a justiça, com a filosofia e com a cidade de Atenas, um homem justo que defende com vigor e determinação o direito de cumprir sua missão, que é ajudar os homens a libertar-se da própria ignorância. Sócrates se coloca como alguém que está a serviço do deus; sua arma de combate é a filosofia. Ao ser colocado diante de uma situação delicada a qual deveria escolher entre fugir ou morrer, Sócrates prefere abraçar a morte a ter que deixar de falar a verdade. Assim como Sócrates, muitos homens perderam suas vidas por ficarem

² PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2011.



do lado da verdade. Diante da possibilidade de ser libertado, desde que se comprometesse a não mais filosofar, Sócrates é categórica ao responder: “Se vós quisésseis, como disse, deixar-me ir sob essa condição, então diria-vos: Eu vos sou, atenienses, afeiçoado e amigo, mas obedecerei mais ao deus do que a vós e, tanto quanto eu respire e seja capaz, não cessarei de filosofar [...]” (Platão, 2011, p. 89)³. Para ele é preferível a morte a ter que deixar de filosofar, pois a filosofia é a luz que possibilita os homens a saírem da escuridão (caverna), isto é, na perspectiva socrática, a arte do filosofar não pode ser renunciada nem mesmo diante das condições mais adversas. Sua filosofia incomoda, porque possibilita as pessoas a questionar tudo o que está a sua volta. Sócrates não tem medo de morrer (ou da morte), pois tem consciência que a sua missão é maior que isso. Tal constatação é possível quando o filósofo afirma que “obedecerei mais ao deus do que a vós”. Sócrates se apresenta como alguém que está a serviço da divindade, por isso não recua, está convicto de que é preciso levar o ato do filosofar até as últimas consequências, uma vez que isso é louvável e virtuoso aos olhos do deus. Sócrates está preocupado em despertar nos homens o verdadeiro valor e sentido da vida: não vale a pena se apegar e se preocupar com coisas que não enobrecem a alma; a virtude é o maior bem e por isso precisa ser buscada; nobilita o homem e o torna feliz. Daí a advertência socrática:

Nobre homem, sendo ateniense, pertencente à maior cidade e à mais famosa pela sabedoria e poder, não te envergonhas de te preocupares tanto com as riquezas, de como obtê-las em maior quantidade, e também com a fama e a honra, mas com respeito à (29e) prudência e à verdade, e a como tornar a alma melhor, com isso não te preocupes nem queiras pensar? E se algum dentre vós contestar, e afirmar que se preocupa, não partirei logo em seguida, nem o deixarei ir; mas o interrogarei, experimentarei e confrontarei. E se me parecer que não possui nenhuma virtude, mas afirme tê-la: (30a) então hei

³Apologia., 29d.



de reprová-lo por dar menos valor ao mais importante do que ao que é pior [...] (Platão, 2011, p. 89)⁴.

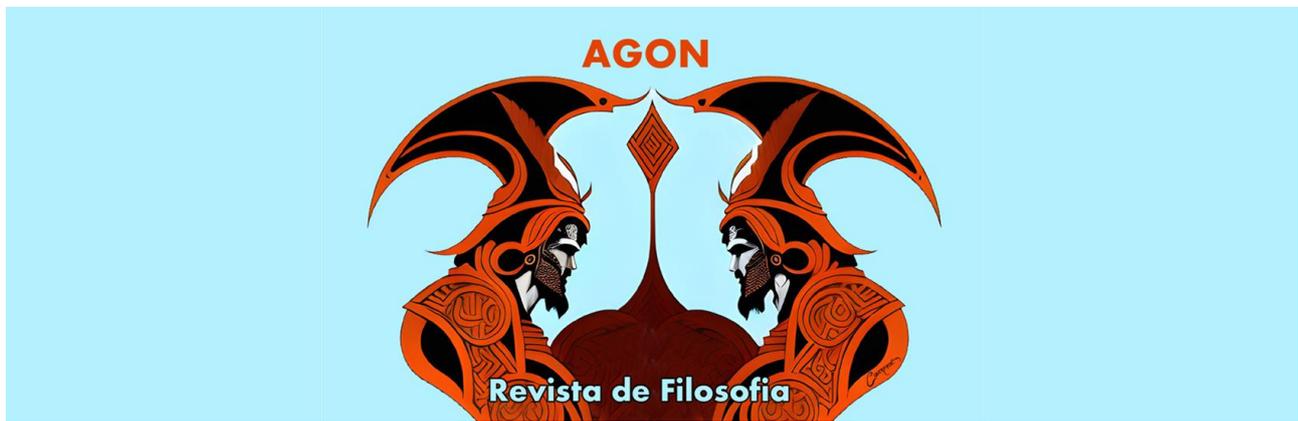
Sócrates demonstra uma inquietação diante dos homens que se preocupam mais com as questões materiais do que com aquelas ligadas à alma. Se a finalidade máxima do homem é a vida boa e feliz, é preciso se ater à busca por uma vida justa, virtuosa e ética. Muito mais do que se preocupar e cuidar do corpo é imprescindível o cuidado com a alma, isto porque, na medida em que o filósofo busca o cuidado de sua alma, o faz visando à verdade, isto é, ao bem. Desse modo, pode-se dizer que o objetivo da filosofia socrática é despertar a busca e a obtenção da vida virtuosa. Assim, dedicar-se de maneira descomedida às coisas que não são importantes é problemático, pois ofusca a busca pelo bem verdadeiro. Para Sócrates, o caminho para a felicidade⁵ consiste na prática da virtude; por isso, apresenta esta como algo grandioso e que precisa ser adquirido (buscado). Ao atentar para a importância de buscar o que é nobre, o filósofo nos diz que todas as coisas provêm da virtude; e não o contrário, pois é preciso cuidar da alma, já que nela reside a centralidade da vida. É evidente que, se a essência do homem é a alma, cuidar de si mesmo significa cuidar da própria alma mais do que do corpo. E ensinar os homens a cuidarem da própria alma é a tarefa suprema do educador, precisamente a tarefa que Sócrates considera ter recebido de deus⁶, como se lê na *Apologia*:

(...) Pois assim ordena o deus, – saabei bem – e eu, de minha parte, acredito que jamais nada melhor se tenha feito a favor da cidade do que este serviço que presto ao deus. Pois nada mais faço do que andar por aí persuadindo-

⁴*Apologia.*, 29d - 30d.

⁵Em grego, "felicidade" se diz "*eudaimonía*", que, originalmente, significava ter tido a sorte de possuir um demônio-guardião bom e favorável, que garantia boa sorte e vida prospera e agradável. Mas os Pré-socráticos já haviam interiorizado esse conceito. Heráclito escrevia que "o caráter moral é o verdadeiro demônio do homem" e que "a felicidade é bem diferente dos prazeres", ao passo que Demócrito dizia que "não se tem a felicidade nos bens exteriores" e que "(a alma é a morada de nossa sorte)" (REALE, 1991, p. 97).

⁶ *Ibidem.*, p. 95.



vos, jovens e velhos, a não (30b) cuidarem antes e tão intensamente do corpo e das posses de preferência à alma, dizendo que “A virtude não se engendra da riqueza, mas sim a riqueza da virtude, tanto como todos os outros bens, para todos os homens, tanto individualmente quanto coletivamente (Platão, 2011, pp. 89-90)⁷

O que é bom e belo se encontra na alma⁸, a felicidade só pode existir no que há de mais elevado para um homem; neste sentido, a virtude⁹ é a fonte de onde tudo brota, o virtuoso é aquele capaz de encontrar-se consigo mesmo, não foge às dificuldades, é corajoso, justo e sábio, pois pode examinar a própria vida e a do outro. Dessa maneira, a reflexão socrática como bem destaca Giovanni Reali, operou uma revolução no tradicional quadro de valores.

“Os verdadeiros valores não são os ligados às coisas exteriores, como a riqueza, o poder, a fama, e tampouco os ligados ao corpo, como a vida, o vigor, a saúde física e a beleza, mas somente os valores da alma, que se resumem, todos, no "conhecimento" (REALE, 1991, p. 95).

No entanto, Reale (1991, p. 95) assegura que: “Naturalmente, isso não significa que todos os valores tradicionais tornam-se necessariamente “desvalores”; significa, simplesmente, que “em si mesmos não têm valor”. Tornam-se ou não valores somente se

⁷Apologia., 30a e 30b.

⁸ Um dos raciocínios fundamentais de Sócrates para provar essa tese é o seguinte: uma coisa é o "instrumento" que se usa e outra é o "sujeito" que usa o instrumento. Ora, o homem usa o próprio corpo como instrumento, o que significa que o sujeito, que é o homem, e o instrumento, que é o corpo, são coisas distintas. Assim, a pergunta "o que é o homem?", não se pode responder que é o seu corpo, mas sim que é "aquilo que se serve do corpo". Mas "o que se serve do corpo é a *psyche*", a alma (= a inteligência)", de modo que a conclusão é inevitável: "A alma nos ordena conhecer aquele que nos adverte: Conhece a ti mesmo." (REALE, 1991, p. 95)

⁹ Aquilo que hoje chamamos de "virtude" os gregos denominavam *areté*, significando aquilo que torna uma coisa boa e perfeita naquilo que é; ou, melhor ainda, *areté* significa a atividade ou modo de ser que aperfeiçoa cada coisa, fazendo-a ser aquilo que deve ser. (Os gregos, portanto, falavam de virtude dos vários instrumentos, de virtude dos animais etc. Por exemplo: a "virtude" do cão é a de ser um bom guardião, a do cavalo é a de correr velozmente e assim por diante.) Consequentemente, a "virtude" do homem outra não pode ser senão aquilo que faz com que a alma seja tal como sua natureza determina que seja, isto é, boa e perfeita. E, segundo Sócrates, esse elemento é a "ciência" ou o "conhecimento", ao passo que o "vício" seria a privação de ciência ou de conhecimento, ou seja, a "ignorância". (*Ibidem.*, p. 95).



forem usados como o “conhecimento” exige, ou seja, em função da alma e de sua areté; em si mesmos, nem uns nem outros têm valor”. Sócrates leva tão a sério suas investigações sobre a virtude, que, ao indagar os demais, tem por finalidade despertá-los para uma vida virtuosa. Desse modo, questiona a todos, sejam jovens ou velhos, independentemente da função que ocupam na *pólis*. Mesmo diante das injustiças e das falsas acusações¹⁰ sofridas, Sócrates deixa transparecer uma certa serenidade e, ao mesmo tempo, reafirma o seu compromisso com os atenienses, ao dizer: “[...] ocupando-me sempre convosco, voltando-me para cada um, interpelando-o como um pai ou um irmão mais velho para que se preocupe com a virtude [...]” (Platão, 2011, p. 92)¹¹. Aqui, é possível observar o esforço e a dedicação de um homem justo, preocupado com o valor da virtude e com o bem da cidade.

Sócrates diz ser a virtude a origem da riqueza e a causa de todos os outros bens. Diante dessa afirmação, surge uma questão que não é tão simples de resolver; a indagação é: a virtude é a causa da felicidade ou é um componente para a *eudaimonía*? O raciocínio pode ser formulado da seguinte forma: seria a virtude um meio para um determinado fim, não possuindo um valor por si só, mas tem apenas um valor, isto é, uma abertura como meio para outra coisa? Ainda a partir da afirmação de Sócrates em 30b, pode ser perguntar: o que significa precisamente dizer que a virtude é a origem de todas os outros bens? Ao comentar sobre essa passagem da *Apologia*, Friedo Ricken (2018, p. 80)¹² diz que não há uma clareza nessa afirmação de Sócrates. Quando Sócrates diz que “a virtude é útil”, Ricken declara que tal afirmação deixa duas perguntas em aberto: primeiro, para quem ela é útil? Segundo, seu valor se esgota em sua utilidade; ela nada é além de um meio para um fim?

¹⁰ Sócrates estava sendo acusado de cometer os seguintes crimes: “comete crime por corromper a juventude e por não reconhecer os deuses que a cidade reconhece (24c), mas sim outras divindades novas. Esta é a queixa, e é desta queixa que agora vamos examinar cada detalhe” (*Apologia*, 24b-24c).

¹¹*Apologia.*, 31b.

¹²RICKEN, F. *O bem-viver em comunidade*. 1ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008.



A VIDA FELIZ REQUER UMA VIDA EXAMINADA

Avançando um pouco na discussão, percebe-se que, em sua trajetória filosófica, Sócrates tratou sobre os mais diversos assuntos ligados às virtudes humanas e aos valores da cidade – como amizade, o amor, a coragem, a beleza, a ação política, a felicidade, dentre outros. Sócrates era um homem sedento pelo conhecimento, não se contentava com respostas superficiais, isto é, prontas e acabadas, mas se utilizava do seu método dialógico para interrogar os seus interlocutores, levando-os ao limite para que pudessem reconhecer sua ignorância diante do que estava sendo discutido. Mas o que teria Sócrates a nos ensinar sobre a felicidade, se ele mesmo dizia: “*sei que nada sei*”? Podemos nos perguntar ainda: o que Sócrates poderia nos instruir, se seus diálogos terminam sempre em aporia, isto é, sem uma resposta conclusiva e definitiva?

A beleza e a profundidade da filosofia socrática residem justamente em não ser fechada, mas na abertura que ela possibilita; é um pensar crítico, reflexivo e dinâmico. A postura adotada por Sócrates não tem nenhuma pretensão de trazer um conforto imediato para o homem, ao contrário, sua filosofia causa desconforto, pois exige do homem um autoexaminar-se. A vida não deve simplesmente ser vivida, mas precisa ser questionada para que possa ser melhorada; eis aí o compromisso da filosofia socrática. Na frase “*sei que nada sei*”, reside a beleza suprema de sua filosofia. Diante de uma sociedade que não queria questionar (ou que não aceitava ser questionada), mas viver de maneira superficial, a filosofia de Sócrates é arrasadora, pois não oferecia resposta de nada. Quando indagado, se limitava a dizer: “*sei que nada sei*”. Toda a sabedoria de Sócrates estava justamente no reconhecimento de que ele nada sabia; ao afirmar que nada sabe, ele se torna sábio entre os sábios. Do ponto de vista socrático, uma pessoa não é sábia porque chegou à sabedoria; o sábio é aquele que sabe porque não alcançou a sabedoria; o não saber de Sócrates é irônico.



Aquele que reconhece que não sabe abre-se para o ensino, isto é, para novas aprendizagens. A pessoa que acredita já possuir o conhecimento, não abre um vazio para um novo aprendizado. Quem quer aprender precisa gerar um vazio dentro de si, reconhecer que não sabe tudo. Quanto maior o vazio, maior será a capacidade de aprender. O vazio nos possibilita novos conhecimentos, abre caminhos. Portanto, esse vácuo não é um vazio qualquer, mas uma insatisfação desejante, é algo que atrai. Desse modo, esvaziar-se é abrir novas possibilidades para o conhecimento, significa reconhecer que não se está e nunca se estará pronto. Neste sentido, o homem é projeto que vai se construindo ao longo de sua existência. Para ser sábio, é preciso reconhecer a própria ignorância, tomar consciência de seu não saber. Através desse reconhecimento, o ser humano abre novas possibilidades para a construção de novos saberes. Mas a que tipo de conhecimento Sócrates está se referindo? De acordo com Platão, Sócrates foi profundamente afetado pela frase “*conhece-te a ti mesmo*”, inscrita no templo de Apolo em Delfos. O reconhecimento da própria ignorância (“*só sei que nada sei*”) e a busca do autoconhecimento são, portanto, as duas características centrais da sabedoria socrática.

Pensando a felicidade por esse prisma, a *eudaimonía* se encontra numa vida de conhecimento¹³, isto é, na vida virtuosa. Assim, a virtude é o conhecimento, o vício, ignorância. O homem virtuoso é aquele que conhece a si mesmo. A vida do conhecimento possibilita ao homem agir corretamente; sua ação visará sempre ao bem, entendido como sendo a vida boa e feliz. No que lhe concerne, uma vida contrária ao conhecimento tenderá sempre ao erro, pois a ignorância é um vício; o vicioso se deixa levar pelas paixões e desejos,

¹³Na obra *Eutidemo*, Sócrates conclui sua arguição dizendo que somente a sabedoria é um bem e a ignorância um mal, sendo as outras coisas nem boas nem más, “Em suma, então, Clínias, disse eu, é de temer que, sobre a totalidade das coisas que anteriormente afirmamos serem bens, a questão não seja a respeito disto: como elas, por natureza, em si e por si mesmas, são bens; mas, segundo parece, passa-se do seguinte modo: se as dirige a ignorância são males piores do que seus contrários, tanto mais capazes que são de servir a quem as dirige que é mau; se <as dirigem> a inteligência e a sabedoria, são bens maiores; em si e por si mesmas, nem umas nem outras dessas coisas têm nenhum valor” (*Eutidemo*, 281d-e).

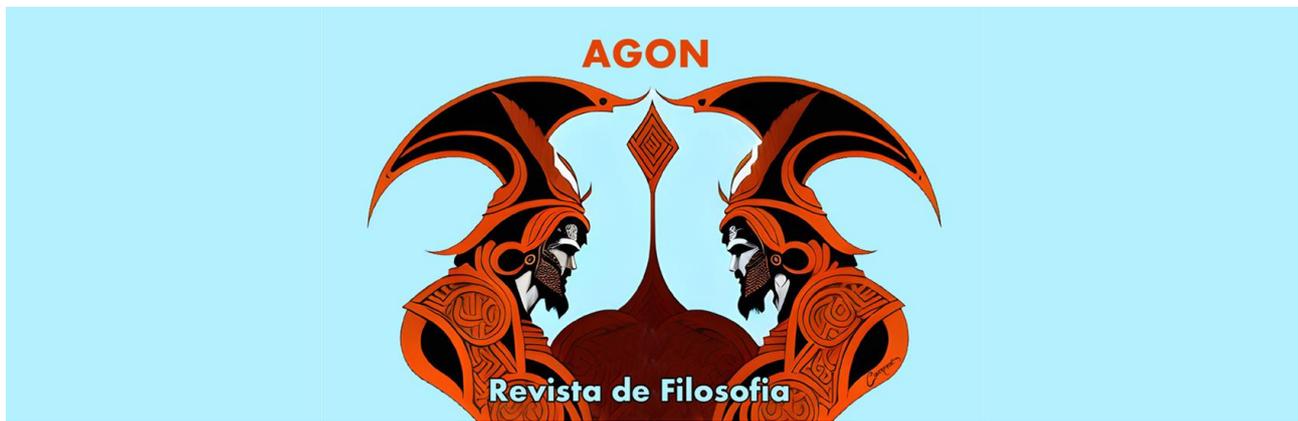


é incapaz de se questionar e examinar a própria vida. Para Sócrates, parece que o homem é principalmente alma, e esta é pensamento, eu consciente, racionalidade. Sua meta é “o conhecimento de si” entendido primeiramente como “cuidado de si”, como diz Platão no *Alcebiades primeiro* (128a – 132a). Ao se referir ao “cuidado de si”, Sócrates está alertando para a necessidade de cuidar da alma, pois é perfeita em relação ao corpo. Sócrates, na *Apologia*, está convicto de que sua missão é despertar os homens para a vida do conhecimento, que é a vida feliz. Sua missão é nobre, pois está a serviço do deus; a missão de Sócrates consiste em ensinar a todos o cuidado de si e, desse modo, o conhecimento de si. Neste sentido, só quem cuida de si pode cuidar dos outros e, portanto, só quem se conhece pode agir moralmente.

A questão do cuidado tratada por Sócrates não diz apenas a respeito do cuidado de si, mas, sobretudo, do cuidado dos outros, isto porque ele “*pensava que não se pode ser justo sozinho*” (Merleau-Ponty, 1995, p. 38)¹⁴. Não existe vida boa e feliz para um homem (cidadão), quando toda a *pólis* vive sob a marca da injustiça. Em vista disso, Sócrates assumiu a tarefa de examinar não só a si mesmo, mas também os demais. Para Sócrates, o cuidado de si não se contrapõe ao da *pólis*. Da mesma maneira que se compromete com o cuidado de si, Sócrates, nas obras *Apologia* e *Crítion*, proclama como seu dever, como aquilo pelo que deve a tudo sacrificar, mesmo a sua vida, a obediência às leis da cidade. Portanto, o cuidado de si é, indissolivelmente, cuidado da cidade e dos outros. Isso fica evidenciado na figura do próprio Sócrates, cuja razão de viver é ocupar-se com os outros. De acordo com Pierre Hadot (1999), em Sócrates parece reunir-se, ao mesmo tempo, o aspecto “missionário” e “popular”; isso é o que parece ao se fazer a leitura de um trecho da *Apologia*¹⁵ que diz:

¹⁴ M. Merleau-Ponty. *Éloge de la philosophie et autres essais*. Paris, 1995, p.38.

¹⁵ *Apologia*, 32b e 31b.



“Eu estou à disposição tanto do pobre quanto do rico, sem distinção [...] Podeis reconhecer que sou bem um homem dado pelo deus à cidade por esta reflexão: não é conforme à natureza que eu tenha negligenciado todos os meus interesses [...] para me ocupar do que diz respeito a vós [...] para persuadir cada um a tornar-se melhor” (Platão, 2011, pp. 91-92).

O convite para examinar a própria vida e procurar viver de acordo com a virtude não é um apelo feito por Sócrates a uma minoria, mas é uma convocação para toda a cidade, pois todos os homens podem e devem viver bem. É preciso olhar e cuidar atentamente da alma; talvez pode se dizer que a finalidade da filosofia socrática seria tocar a alma do homem, demonstrando o que há de bom e nobre. Sócrates mostrava com isso que, muito distante de viver como um deus, era possível viver a vida com intensidade no mundo, se desvinculando dos prazeres viciosos e procurando demonstrar que na atividade do filosofar¹⁶ existe a possibilidade da vida feliz que, por sua vez, depende de um percurso que conduz ao conhecimento de si. Portanto, o cuidado de si está fundado no conhecimento de si. A vinculação do cuidado de si e do autoconhecimento conduz o homem à *eudaimonía*. Ao associar a felicidade como sendo um bem da alma, Sócrates parece convicto de que ela não pode vir das coisas exteriores, do corpo, mas somente da alma, porque esta, só esta, é a sua essência. “E a alma é feliz quando é ordenada, ou seja, virtuosa”. Diz Sócrates: "Para mim, quem é virtuoso, seja homem ou mulher, é feliz, ao passo que o injusto e malvado é infeliz".

¹⁶ Sócrates apresenta a filosofia como algo que está plenamente conectada à vida cotidiana do homem; ela consiste na arte de viver bem. A ideia da filosofia como modo de vida é apresentada por Plutarco no início do século II d.C., ao dizer que: “A maior parte das pessoas imagina que a filosofia consiste em discutir do alto de uma tribuna e dar cursos sobre textos. Mas que escapa totalmente a essas pessoas é a filosofia ininterrupta que se vê exercer a cada dia de uma maneira perfeitamente igual a si mesma (...) Sócrates não prepara degraus para os ouvintes, não se firma sobre uma tribuna professoral; ele não tem horário fixo para discutir ou para passear com seus discípulos. Mas é algumas vezes gracejando com aqueles, ou bebendo ou indo à guerra ou à ágora com esses, e finalmente foi para a prisão e bebendo o veneno, que ele filosofou. Ele foi o primeiro a mostrar que, em todos os tempos e em todos os lugares, em tudo o que nos chega e em tudo o que fazemos, a vida cotidiana dá a possibilidade de filosofar”. Plutarco apud Pierre Hadot. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 68.



Assim como a doença e a dor física são desordem do corpo, “a saúde da alma é ordem da alma, e essa ordem espiritual ou harmonia interior é a felicidade”¹⁷. Dessa forma, o homem virtuoso conduz sua vida de maneira equilibrada, não se deixando levar pelas paixões e desejos, mas se guia pela racionalidade. Tendo em vista tudo que já foi discutido até aqui, parece claro que a leitura da *Apologia* confirma que Sócrates, de fato, está mesmo a serviço do deus e que este seria o grande motivo por não abandonar a arte do filosofar. A missão de Sócrates é levada ao extremo, pois acredita que a força e o sentido de seu filosofar vem da divindade. Em vista disso, ele não foge aos infortúnios, mas encara os desafios e as consequências de seu filosofar. Essa questão é confirmada na passagem 37e da *Apologia*, quando diz:

Quer dizer, Sócrates, que tu não serás capaz, mesmo depois de te exilarmos, de viver quieto e tranquilo? “Isso é o mais difícil de persuadir alguns de vós. Pois se digo que isso seria desobedecer ao deus, e que, portanto, seria impossível manter-me tranquilo: (38a) então vós não me daríeis ouvido, como se eu estivesse ironizando (Platão, 2011, p. 102)”¹⁸.

Sócrates estava sendo acusado por um crime que não cometeu; diante de tal acusação; era dada praticamente como certa sua condenação à morte; no entanto, a lei ateniense permitia que lhe fosse dado uma pena alternativa. Essa escolha seria o exílio, mas quando essa possibilidade é apresentada a Sócrates, ele a recusa, pois não poderia abandonar o seu compromisso com a investigação filosófica. Tinha plena consciência da importância da *pólis* ateniense para o exercício de sua missão, ainda que a sua postura desagradasse a muitos. Sócrates se encontra numa situação muito delicada, em que a única alternativa à pena de morte seria o exílio; diante dessa possibilidade, o filósofo prefere encarar a morte a ter que

¹⁷ REALE, *op. cit.*, 97.

¹⁸ *Apologia.*, 37e e 38a.



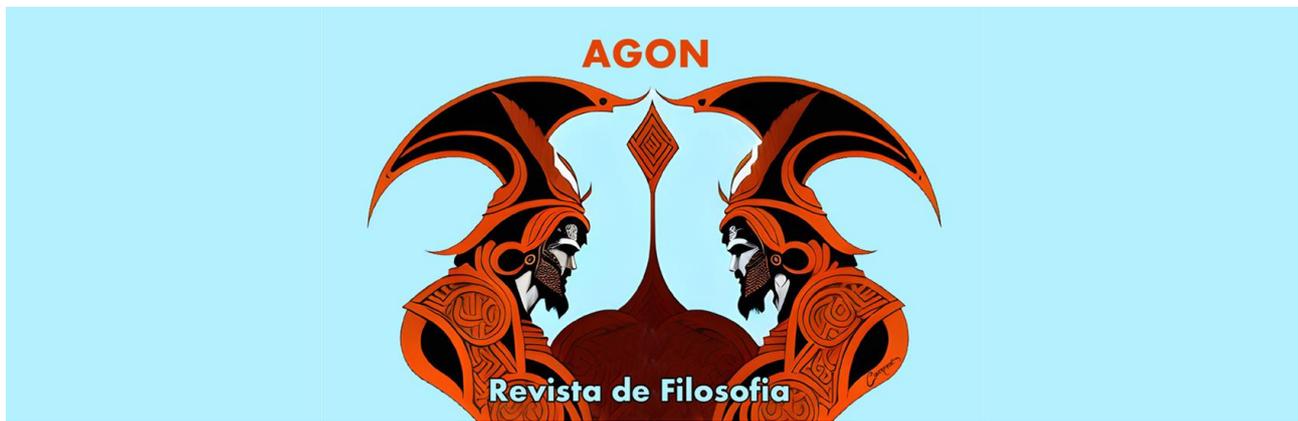
deixar Atenas. Esse ato de Sócrates talvez pode ser entendido como uma homenagem crítica à democracia de Atenas. O fato de ter sido um homem justo e virtuoso, talvez tenha pesado em sua decisão: não era um homem covarde, encarou de frente os desafios de sua época. Olhando por esse contexto, aceitar ser exilado, isto é, deixar a própria pátria, seria um ato injusto, não virtuoso, pois iria contra os valores que sempre defendeu.

Mesmo sabendo das dificuldades que encontraria em Atenas, isto é, mesmo expondo a extremo perigo sua vida, ele opta por continuar vivendo em sua cidade a ter de escolher uma outra, estranha, para viver. Desse modo, Sócrates prefere continuar buscando despertar os cidadãos atenienses para a vida justa; acreditando que agindo de tal maneira possa contribuir para o bem da *pólis*, a exemplo de um bom cidadão, Sócrates não ofende (ofendeu) as leis da cidade. Essa decisão mostra o seu comprometimento com a democracia, mas, ao mesmo tempo, oferece aos atenienses a oportunidade de a aperfeiçoarem. Um pouco mais adiante, Sócrates discorre sobre a importância de viver uma vida virtuosa e a necessidade de uma vida examinada.

E se ainda digo que isto é o maior bem para um homem: produzir diariamente discursos sobre a virtude e sobre os outros assuntos, a respeito dos quais vós me ouvis conversar e examinar a mim mesmo e aos outros, e que uma vida sem o questionamento de si não é digna de ser vivida por um homem: nisso vós acreditaríeis ainda menos, se o dissesse. Mas é assim, tal como vos apresento, ó homens: somente que convencer-vos disso não é fácil. Ao mesmo tempo, também não estou acostumado a achar que mereço algo de mau (Platão, 2011, p. 102)¹⁹.

De acordo com Sócrates, uma vida não examinada não vale a pena ser vivida. Uma vida sem questionamento não tem sentido, pois a vida do questionamento é própria do filósofo e da filosofia; Sócrates é o exemplo disso, se questionava e também os demais. O

¹⁹Apologia., 38a.



questionamento traz a dúvida, e esta possibilita ir ao encontro das respostas, não daquelas simples e banais, padronizadas, tradicionais, culturalmente dadas como verdades absolutas. A vida requer avaliação pessoal contínua; assim como o esforço permanente para o nosso auto aperfeiçoamento, essa tem que ser a nossa vocação constante, pois a vida examinada é refletida, pensada; não agir nunca antes de pensar é um bom exemplo da vida examinada, haja vista que viver é muito mais do que comer, beber, amar etc. O ato de examinar a vida não consiste apenas num determinado momento da existência, mas precisa ser uma tarefa permanente, isto porque ninguém está pronto em definitivo; a busca pela perfeição é uma tarefa árdua e longa, requer uma disposição e um esforço permanentes. No horizonte da filosofia socrática, a prática do exame e a conquista de uma vida boa são indissociáveis.

Desse modo, a importância de uma vida examinada²⁰ justifica-se porque esse exame de si mesmo levaria ao autoconhecimento, o qual daria ao questionador, isto é, ao filósofo, as condições dos respectivos limites. Por sua vez, o conhecimento desses respectivos limites seria a chave para um aperfeiçoamento intelectual que pode redundar em posições morais condizentes com a ideia defendida por Sócrates de que só o ignorante é injusto, porque ele desconhece a natureza da justiça. Nessa perspectiva, caso o ignorante não fosse ignorante e buscasse o autoconhecimento para potencializar o seu saber e reconhecer os seus limites, esse indivíduo deixaria de ser ignorante e também de praticar vícios, sendo obrigado, racionalmente, à prática da virtude. Ainda sobre a questão do cuidado de si, é possível afirmar que buscar o conhecimento de si significa conhecer profundamente a alma. Em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito*, Foucault²¹ apresenta essa questão como uma das mais

²⁰ Pierre Hadot (1999, pp. 64-65) diz que “Na Defesa, Sócrates não dá nenhuma razão teórica para explicar por que se obriga a examinar sua própria vida e a vida dos outros. Contenta-se em dizer, por um lado, que é a missão que lhe foi confiada pelo deus e, por outro lado, que somente tal lucidez, esse rigor para olhar a si mesmo pode dar sentido à vida”.

²¹ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



essenciais no pensamento platônico sobre “o cuidado de si”, pois expressa sua subordinação ao grande princípio do “conhece-te a ti mesmo”:

(...) é para conhecer-se a si mesmo que é preciso dobrar-se sobre si; que é desligar-se das sensações que nos iludem; é para conhecer-se a si mesmo que é preciso estabelecer a alma em uma fixidez imóvel que desvincula de todos os acontecimentos exteriores. É, ao mesmo tempo, para conhecer-se a si mesmo e na medida em que se conhece a si mesmo, que tudo isso deve e pode ser feito (FOUCAULT, 2006, p. 87).

Assim, como Sócrates, Foucault entende que o cuidar de si é, primeiramente, conhecer a si mesmo, sendo que esse si mesmo é a própria alma, sujeito de ação, pois o corpo não o pode ser, diz Foucault; nem a título de adjuvante serve o corpo. Cuidar de si é conhecer-se. A filosofia socrática possibilita ao homem mergulhar dentro si; é preciso conhecer-se para conhecer o outro. Este conhecer-se está ligado à alma; nela reside o que há de mais sublime, a vida boa e feliz. Percebe-se que a ideia central da ética de Sócrates é o autodomínio (*enkráteia*)²², a liberdade interior “capaz de dominar a animalidade e levar o indivíduo à verdadeira felicidade” (PAVIANE, 2013, p. 27)²³. “O bem depende de fins, de objetivos, isto é, de conhecimentos para agir bem”²⁴. De maneira mais precisa, esse autodomínio

significa domínio da própria racionalidade sobre a própria animalidade, significa tornar a alma senhora do corpo e dos instintos ligados ao corpo. Consequentemente, podemos compreender perfeitamente que Sócrates

²² A mais significativa manifestação da excelência da *psyché* ou razão humana se dá naquilo que Sócrates denominou de “autodomínio” (*enkráteia*), ou seja, no domínio de si mesmo nos estados de prazer, dor e cansaço, no urgir das paixões e dos impulsos: “Considerando o autodomínio como a base da virtude, cada homem deveria procurar tê-lo.” (REALE, 1999, p. 95).

²³ PAVIANE, Jayme. *As origens da ética em Platão*. Petrópolis –RJ: Vozes, 2013.

²⁴ *Ibidem*.



Tenha identificado expressamente a liberdade humana com esse domínio da racionalidade sobre a animalidade²⁵ (REALE, 1999, p. 95).

Este autodomínio, ao qual se refere a filosofia socrática, significa afastar-se do mal (ignorância) e buscar o que é bom, o conhecimento. Esta ideia do autodomínio socrático pode ser entendida, também na perspectiva da ética aristotélica, como sendo a justa medida, o tão conhecido caminho do meio, que é a vida da virtude. Ao propor o caminho do meio, Aristóteles apresenta a tese de que é preciso afastar-se dos extremos, pois no excesso ou na falta se encontra o vício; quem vive uma vida viciosa, isto é, desregrada, não pode ser feliz. A vida boa e feliz é aquela que se vive de acordo com a virtude. A virtude pode ser descrita como uma disposição capaz de orientar a escolha, como um hábito que pode dirigir corretamente o olhar. Em poucas palavras, como uma boa mira. Mas toda boa mira pressupõe um alvo, um objeto a ser atingido²⁶. Tal alvo, Aristóteles chama-o de “justa medida”.

Portanto, o Estagirita assegura que a virtude é um estado habitual que orienta a escolha; consiste em uma média em relação a nós, determinada racionalmente, tal como como a haveria de determinar o indivíduo sábio. Média entre dois males: um é segundo o excesso, e o outro, segundo a falta²⁷. Desse modo, a virtude apresenta-se como capacidade ao fazer escolhas, de se ater à mediania, isto é, não pendendo nem para o excesso e nem para a falta²⁸. A justa medida, então, configura-se como a medida dos vícios, isto é, do excesso e da falta, no sentido em que o excesso e a falta, isto é, o “demais” e o “pouco”, podem ser ditos

²⁵REALI, *op. cit.*, p. 97.

²⁶FERMANI, Arianna. *A vida feliz humana: diálogo com Platão e Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 202-203.

²⁷EN, II, 6, 1106b36 – 1107a3.

²⁸Dizer que a virtude é ‘um ponto médio’ implica que a pessoa virtuosa se atém à justa medida no caso em que há duas características possibilidades de errar, uma em direção ao excesso e a outra em direção à falta. A virtude não é oposta ao vício, mas antes um modo de evitar vícios contrários entre si (ANNAS *apud* Arianna Fermani, 2015, p. 203).



somente em relação ao “justo”, em relação à virtude, que exprime a medida²⁹. Essa ideia da virtude como mediania é uma característica marcante do pensamento ético aristotélico; no entanto, Platão também faz uso do termo no *Filebo* (25d-e) e no *Político* (306a ss), onde já havia exposto, de maneira clara, que a distância entre a virtude e o vício pode ser estabelecida como a posição entre o que é medido e bom (a virtude) e o que é, por ser desmedido, desprovido de medida, é mau (os vícios)³⁰.

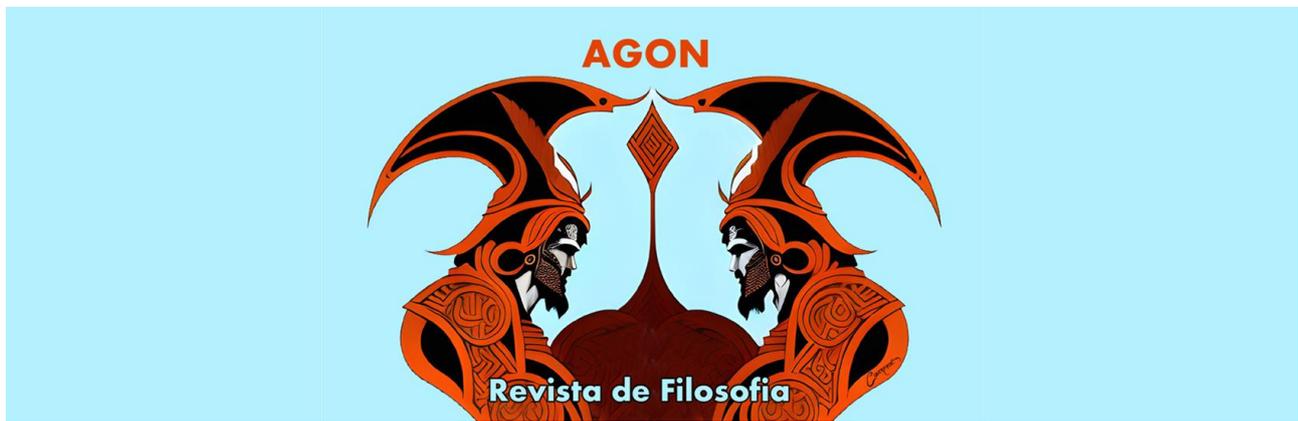
Por conseguinte, é possível afirmar que, tanto para Sócrates quanto para Aristóteles, para ser feliz é preciso buscar a virtude ou viver de acordo com ela; a vida feliz é uma vida equilibrada que exige um agir bem, buscando o que é bom e belo para o homem; a felicidade se encontra na vida agradável, ou seja, naquele estilo de vida que não se identifica com a vida ignorante e viciosa. Um homem feliz também é aquele que vive de acordo com a justiça, é alguém *comprometido com as leis da cidade*. *O motivo do filosofar de Sócrates é a purificação da própria alma, o lugar de origem dos questionamentos. Essa postura do filosofar de Sócrates vai na contramão dos sofistas, pois esses últimos afirmavam saber de tudo, pensavam que tinham as respostas para todas as questões que pretendem ensinar a virtude. O saber do não saber é a cura e a salvação da alma, como explica Patocka*³¹. Neste sentido, “a reforma da cidade depende da reforma moral do indivíduo. Tudo isso justifica a necessidade de viver próximo do bem que traz a felicidade e realiza o fim/a razão da vida humana”³². No final do diálogo da *Apologia*, Sócrates faz uma observação importante demonstrando o seu apreço pela vida virtuosa, sabendo que está diante da morte e que isso já é praticamente um fato consumado, pede para que os atenienses atormentem seus filhos quando esses forem adultos e não estiverem vivendo de acordo com o que ele havia ensinado.

²⁹ FERNANI, op. cit., p. 203.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ PAVIANE, op. cit., p. 27.

³² *Ibid.*, p. 28.

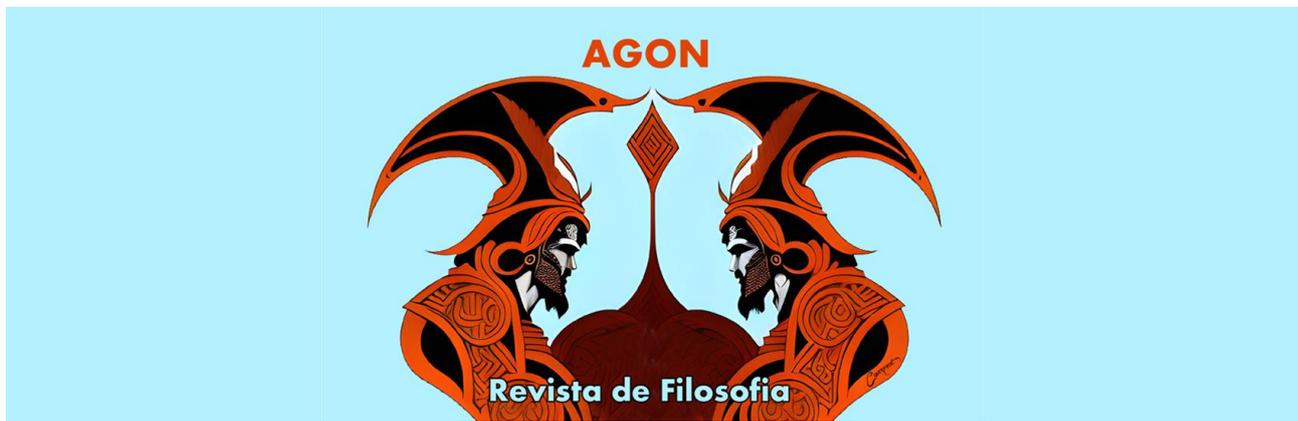


O referencial da vida deve ser a virtude, ou seja, é preciso orientar a vida de acordo com o que é bom e nobre, pois uma existência virtuosa é o que existe de mais louvável para um homem. Sócrates estava convicto dos seus ensinamentos e do alcance que uma vida virtuosa poderia ter. Por isso se dirige aos atenienses:

Peço-lhes, porém, o seguinte: nos meus filhos, quando foram adultos, vingai-vos, ó homens, e atormentai-os exatamente como vos atormentei, se vos parecer que eles preocuparam-se em alcançar riqueza ou outra coisa qualquer antes da virtude; e se acharem que são alguma coisa sem o serem: reprovai-os como eu a vós, pelo fato de não cuidarem daquilo de que devem cuidar, e imaginarem ser algo quando não têm valor algum. E se fizéreis isso, eu estarei (42a) recebendo a devida justiça de vossa parte, e meus filhos também (Platão, 2011, p. 110)³³.

A virtude é apresentada por Sócrates como o maior bem a ser buscado pelo homem; ela deve estar sempre em primeiro plano, pois nada pode ser buscado como prioridade antes dela. Os demais bens surgem em consequência de uma vida virtuosa, e não o contrário. Dessa forma, Sócrates indica que só é possível chegar à vida boa e feliz trilhando o caminho da virtude. Portanto, a virtude é valorizada, tanto por Sócrates quanto por Aristóteles, como sendo de grande importância para que o homem possa almejar a felicidade. O virtuoso vive de maneira equilibrada, evita agir por excesso ou por deficiência, pois nos extremos encontra-se o vício, isto é, a ignorância. A vida feliz requer empenho e dedicação para ser alcançada; não é um presente dos deuses ao homem, mas o resultado de uma vida de ação, ou seja, uma atividade virtuosa. Assim, a vida para ser consagrada como feliz, não se identifica com o simples viver, mas, sobretudo, com o viver bem.

³³ *Apologia.*, 42e e 42a.



REFERÊNCIAS

ARISTOTLE. The Nichomachean Ethics. Translation by H. Rackam. London: Harvard University Press, 1999.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HADOT, Pierre. O que é a Filosofia Antiga? São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARLEAU-PONTY, M. Éloge de la filosofia et autres essais. Paris: Gallimard, 1995.

PAVIANE, Jayme. As origens da ética em Platão. Petrópolis –RJ: Vozes, 2013.

PLATÃO. Apologia de Sócrates, in: Sócrates, São Paulo: Abril, 1973 (Coleção Os Pensadores).

_____. Eutidemo. Tradução, apresentação e notas: Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUCRio/Loyola, 2011.

_____. Timeu – Crítias – O Segundo Alcebiades – Hípias Menor. Trad. Carlos Alberto Nunes – Belém: EDUFPA, 2001.

_____. Alcibiades I. introd. e commentary by Nicholas Denyer. Cambridge: Ed. Cambridge University Press. 2001.

REALE, Geovanni. História da Filosofia. São Paulo: Paulus, 1991.



RICKEN, F. O bem-viver em comunidade. 1^a ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008.